



Le Brio: a universidade francesa, a herança social e cultural e a terceira geração de imigrantes

Le Brio: French university, social and cultural heritage and the third generation of immigrants

Camila Ferreira da Silva

Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), com bolsa Erasmus Mundus, com Pós-Doutorado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: cfsilva@ufam.edu.br

Jéssica da Silva Monteiro

Graduanda em Letras/Língua e Literatura Francesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.
E-mail: jessica_monteiro_099@hotmail.com

Resumo

Com o intuito de refletir sobre as correlações entre o pensamento de Pierre Bourdieu e o cenário contemporâneo ligado ao acesso de filhos de imigrantes no ensino superior na França, o texto faz uma análise do filme francês de comédia *Le Brio*, lançado 2017 na Europa e somente em 2018 no Brasil, dirigido por Yvan Attal. A descrição da película é seguida de uma análise centrada nas tensões e transformações sociais colocadas pelos fluxos migratórios em França no campo da escolarização, de forma mais ampla, e do ensino superior, de forma mais específica. A personagem principal, Neïla Salah (Camélia Jordana), uma estudante francesa de descendência argelina, ingressa em uma universidade de prestígio em Paris e esta é a relação entre origem e destino social improvável responsável por tecer a trama do filme e, em nossa mirada analítica, expressão dos conflitos que se materializam para sujeitos sociais como Neïla, oriundos de um grupo que historicamente não é considerado “herdeiro” das posições universitárias prestigiosas.

Palavras-chaves: Cinema. Universidade francesa. Imigração. Origem social. Destino social.

Abstract

In order to reflect on the correlations between Pierre Bourdieu's thinking and the contemporary scenario of access of children of immigrants to higher education in France, the text analyses the French comedy film *Le Brio*, which premiered in 2017 in Europe and only in 2018 in Brazil, directed by Yvan

Attal. The description of the film is followed by an analysis focused on the social tensions and transformations brought about by immigration flows in France in the field of schooling more broadly and higher education, more specifically. The main character, Neïla Salah (Camélia Jordana), a French student of Algerian descent, enters a prestigious university in Paris and this is the relationship between origin and improbable social destiny responsible for weaving the plot of the film and, in our analytical look, expression of the conflicts that materialize for social subjects like Neïla, coming from a group that historically is not considered "heir" of the prestigious university positions.

Keywords: Cinema. French university. Immigration. Social origin. Social destiny.

Introdução

“As palavras são o veículo da ideia. A ideia não é o veículo das palavras”, esta é uma das sentenças que abre o filme *Le Brio*, que traz nas cenas iniciais um compilado de frases proferidas por grandes personalidades francesas, entre intelectuais e artistas, esta que aqui trazemos é de Serge Gainsbourg. A relação entre as palavras e as ideias parece-nos uma antessala apropriada para o olhar que lançamos no presente texto para esta película, uma vez que o principal recurso utilizado pelos roteiristas para tratar das diferentes posições que grupos de imigrantes ocupam no interior de universidades francesas centrais é um concurso de retórica.

O filme é tomado, então, como uma expressão das tensões e transformações que os fluxos imigratórios têm acarretado para o sistema educativo francês nas últimas décadas, com especial atenção para a terceira geração no âmbito de famílias que imigraram para a França em busca de melhores oportunidades de vida: a narrativa é construída em torno da experiência de uma estudante francesa neta de imigrantes argelinos, que começa sua jornada como estudante de Direito na Universidade Pantheon-Assas, em Paris – também conhecida como “Assas” ou “Paris II”. Nosso objetivo central consiste em refletir sobre as correlações entre o pensamento de Pierre Bourdieu e o cenário contemporâneo ligado ao acesso de filhos e netos de imigrantes no ensino superior na França.

Para tal, buscaremos situar o leitor com relação à obra cinematográfica em questão, pelo que, em um primeiro momento, ocupar-nos-emos com uma breve descrição do filme e de sua trama; em seguida, no segundo momento do texto, nos debruçaremos sobre as correlações entre esta narrativa e o pensamento bourdieusiano no âmbito de sua teoria da reprodução e de seu debate em torno dos herdeiros socialmente legítimos no cenário do ensino superior francês. Os processos e mecanismos de dominação e a capacidade de perpetuação de uma figuração social pautada na desigualdade e na distinção, que passam necessariamente pelas instituições escolares, ganham novos contornos com a questão da imigração e este é o quadro sobre o qual tecemos nossa análise.

1 *Le Brio* e sua narrativa

A comédia dramática francesa *Le Brio* (título traduzido para o Brasil como “O orgulho”) estreou na França no ano de 2017 e um ano depois foi colocada em salas alternativas de cinema em solo brasileiro, especialmente em festivais de cinema francês. O filme foi nomeado para o *César du meilleur film* em 2018, a direção é de Yvan Attal, que também assina o roteiro juntamente com um grupo de jovens escritores e artistas – Yaël Langmann, Victor Saint Macary, Noé Debré e Bryan Marciano. O filme conta a história de Neïla Salah (Camélia Jordana¹), uma estudante francesa de descendência argelina, ingressante em seu primeiro ano na prestigiada Faculdade de Direito, da Universidade Pantheon-Assas na cidade de Paris.

O enredo tem como marco inicial o primeiro dia de aula de Neïla, é a partir do caminho entre sua casa, em um conjunto habitacional marcado pela presença de famílias de imigrantes na periferia parisiense, e a universidade e seus primeiros momentos na instituição que as temáticas principais passam a emergir da tela. Um dos fatos mais notáveis figura na cena em que a jovem é barrada na portaria da faculdade, onde lhe é exigida a carteirinha de estudante, enquanto outros alunos adentram sem o mesmo empecilho – este momento já coloca o espectador frente a uma questão perene ao longo da película, o racismo e a xenofobia expressos nos julgamentos pelo estereótipo, enraizados nas relações sociais estabelecidas no

¹ Cantora e atriz francesa, premiada pela atuação neste filme com o prêmio *César du meilleur espoir féminin* e nomeada para o *Lumières Award for Most Promising Actresse*, ambos em 2018.

contexto francês, sobretudo em um ambiente tão prestigioso como o ensino superior, em um curso historicamente elitizado como o Direito e em uma universidade localizada na capital francesa.

Todavia, o confronto principal, e que é responsável pelo desenrolar da história, é resguardado para a cena posterior, na qual a jovem terá o primeiro contato com o polêmico e renomado professor francês Pierre Mazzard (Daniel Auteuil). Ao chegar atrasada em classe, em função da cena descrita anteriormente, a atenção de Pierre é voltada diretamente para Neïla e uma série de comentários desrespeitosos e xenófobos são endereçados à personagem, figuram aqui alusões estereotipadas aos argelinos que englobam menções: ao sobrenome de Neïla, ao seu modo de vestir, seu acento, ou seja, seu modo de falar, e à sua aparência de modo geral. Logo, este confronto entre professor e aluna gera uma grande movimentação na turma, que faz o registro de todo o show de racismo ali demonstrado nos aparelhos celulares, espalhando o caso rapidamente pelas redes sociais. Pela repercussão do caso, Pierre é denunciado à reitoria e obrigado a se redimir [e a redimir, assim, a própria instituição] com a estudante em questão, treinando-a para uma importante competição de oratória com júri simulado.

Figura 1 – Capa do filme *Le Brio*.



Fonte: Site da Pathe Films (2017). Disponível em: <<https://www.pathefilms.com/>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

O espectador é, então, levado a acompanhar os encontros de preparação para a competição entre Pierre e Neïla, e assim vai percebendo, com esta parceria improvável, a entrada da personagem principal no universo universitário: a leitura e discussão de pensadores clássicos; o treino de retórica; as viagens para as sucessivas fases da competição; as refeições em locais considerados refinados; as vestimentas que lhe são exigidas para figurar nesses novos espaços; enfim, tudo isso são exemplos de como o *habitus* de Neïla vai sendo colocado à prova enquanto ela vai incorporando novos repertórios de estruturas praxiológicas compatíveis com esse novo espaço (BOURDIEU, 2009).

Um outro recurso utilizado na trama é a exploração das diferenças entre os dois mundos em que Neïla Salah passa a transitar: seu universo de origem, marcado pela mãe que trabalha incontáveis horas para conseguir sustentar a casa; a avó, imigrante já idosa e que se esforça para manter vivas as tradições de sua terra natal; seus amigos do conjunto habitacional, jovens como Neïla, mas que experienciam posições distintas na sociedade com trabalhos precários e que exigem baixas qualificações – a exemplo de seu namorado que trabalha como motorista de aplicativo; e, de outro lado, o universo acadêmico com todas as suas marcas de distinção que a personagem vai incorporando, tais como, o modo de vestir, falar, andar, comer, portar-se no concurso de oratória, entre outras.

Com uma dose de romantismo no âmbito da amizade improvável entre Neïla e Pierre, o filme acaba por levantar questões acerca das tensões sociais que estão postas na sociedade francesa com a paulatina integração das segunda (filhos) e terceira (netos) gerações de famílias imigrantes. A sociologia da educação francesa, há pelo menos seis décadas, vem discutindo as diferenças e desigualdades sociais e educacionais que distanciam as diferentes classes sociais no âmbito das oportunidades e dos destinos sociais (DURU-BELLAT, 2005), *Le Brio* pode, então, ser tomado como uma ilustração da atualidade deste debate, com especial atenção à questão da escolarização dos descendentes de imigrantes.

2 Os “não-herdeiros” chegam às universidades prestigiosas de Paris: imigração e educação superior no cenário francês contemporâneo

A sociedade capitalista e sua divisão de classes tem como um de seus efeitos, e que pode ser pensado para diferentes contextos, a desigualdade educacional. A educação formal, os diplomas e as carreiras que lhe seguem têm constituído historicamente um processo de distinção social, ao passo que, mesmo em um espaço social com forte tradição republicana na educação, as trajetórias escolares e profissionais são marcadas pelas condições de classe. Quando Bourdieu e Passeron (2009), em *A Reprodução*, desconstruem a ideia de meritocracia para o desempenho escolar dos estudantes, bem como revelam os mecanismos para a perpetuação das desigualdades sociais, as perspectivas românticas sobre o papel das instituições educacionais no contexto capitalista entram em xeque. Os sistemas educativos da França e de outros tantos países passaram a ser interrogados no sentido das forças e das lutas por dominação que são dissimuladas no seu interior.

Nesse sentido, a história de Neïla Salah inscreve-se na complexificação dos processos de exclusão social e educacional em contexto de fixação urbana de famílias imigrantes na França. Este país tem uma história marcada pelo recebimento de grandes fluxos migratórios, e por isso compõe o cenário perfeito para as discussões propostas na película em questão. Blanchard (2018) e Beaud (2018) chamam atenção para os ciclos de imigração argelina em direção à França: se em um primeiro momento, pós Segunda Guerra Mundial, o próprio governo francês facilitou esses trânsitos em função da necessidade de mão-de-obra para a reconstrução do país, os movimentos migratórios que se sucedem relacionam-se diretamente com uma tentativa dos argelinos de melhorarem suas condições de vida, tendo em vista as experiências de familiares e amigos que imigraram no primeiro ciclo.

Blanchard (2018) e Mézié (2019) demonstram que argelinos e portugueses são os grupos de estrangeiros mais numerosos em França, e os filhos de argelinos constituem o principal grupo de pessoas “oriundas da imigração”. Como em outras partes do mundo, esses imigrantes tentavam posteriormente buscar mulher e filhos que haviam permanecido no país de origem e, no caso da Argélia, que conquistou sua independência e superou sua condição de colônia francesa apenas em 1962, não fora

diferente. Na França, com restritas políticas tanto para promover a reunião familiar, quanto para a instalação desses imigrantes, temos argelinos e outros imigrantes vivendo em conjuntos habitacionais, *banlieues* e em *bidonvilles* – termos equivalentes a subúrbios, periferia e favelas no Brasil.

As condições de vida dos argelinos neste país são, pois, precárias e suas origens, culturas e crenças são constantemente tomadas como elemento de discriminação, racismo e xenofobia. Não à toa, essas famílias encontram-se marginalizadas na sociedade francesa, o que se expressa em suas moradias, seus parques direitos, condições social, econômica e educacional. O filme *Le Brio* dialoga com essas questões importantes, dentro e fora da Universidade Pantheon-Assas toda a experiência da personagem principal fala ao espectador sobre as diferenças sociais que se inscrevem no corpo e nas relações sociais a que estão submetidos os filhos e netos de imigrantes em Paris.

Quais as chances de uma jovem francesa descendente de imigrantes argelinos ser aceita em uma Faculdade de Direito prestigiosa na capital francesa? E, ainda: quais as chances de ela ser integrada nesse espaço social da Academia? A história de Neïla Salah responde a essas questões com doses de comédia, de romance e de drama, contudo, a melhor e mais elaborada resposta reside nas nuances do filme que, se a olhos nu podem passar despercebidas aos espectadores, quando o analisamos à luz do pensamento bourdieusiano, ganham centralidade: raça, etnia, cabelo, cor das roupas, estilo de vestir-se, acento ou sotaque, modo de expressar-se ou hábitos alimentares são exemplos de marcadores de diferenças e desigualdades no filme.

A formalidade da vida acadêmica *versus* a informalidade que marca a vida pessoal de Neïla são confrontadas em seu percurso de aprendiz junto ao professor Pierre. Nesse confronto emerge ainda o *background* cultural dessa personagem, pelo que, a partir das aulas de treinamento para o concurso de oratória, é possível perceber que Neïla não conhecia autores clássicos da literatura francesa e mundial – o que, naquele espaço universitário, é um pressuposto, uma vez que grande parte dos estudantes de Direito em Paris faz parte de famílias com alto capital social, econômico e cultural, ou seja, famílias com longevidade na vida escolar e com recursos suficientes para uma educação familiar que converge com os currículos escolares e acadêmicos legítimos.

Os hábitos alimentares constituem um outro recurso interessante na película. Neïla está sempre a comer comidas processadas, congeladas e colocadas no micro-ondas, posto que sua mãe, que trabalha por turnos exaustivos, não tem tempo de cozinhar. A sua avó aparece em uma cena breve do filme, fazendo uma visita à sua filha e neta, e traz a discussão da tradição das famílias argelinas para essa questão da alimentação, ao passo que reclama da mãe de Neïla por estar sempre trabalhando e preocupada em angariar dinheiro para garantir a formação da filha e, por isso, não poder estar em casa desempenhando os papéis tradicionais de mulher e de mãe. Em contrapartida, com as viagens para as fases do concurso de oratória, nossa personagem principal acaba fazendo refeições em restaurantes refinados e, junto com o professor Pierre, descobre a “elegância” e se delicia com esta novidade gastronômica ao mesmo tempo que vai aprendendo e internalizando novos repertórios de modos de se portar e comer nesses ambientes.

Esta questão vai paulatinamente tomando conta da figura de Neïla Salah ao longo do filme, vê-se suas roupas, seu cabelo, sua fala sendo modificados. O que na realidade está sendo modificado é seu sistema de disposições. Tal transformação a coloca em uma situação difícil frente ao seu grupo de amigos e vizinhos no conjunto habitacional, posto que começam a transparecer atritos com relação àquilo que esses jovens consideram relevante em suas vidas e àquilo a que Neïla passa a valorizar. O romance com um desses jovens é outro recurso utilizado para expressar essas novas tensões que se estabelecem entre os dois mundos pelos quais a personagem passa a transitar.

O *habitus* de Neïla Salah, ou seja, sua história expressa em seu corpo e ser social, não é aquele legitimamente encontrado nos altos graus de formação em França, não é aquele que é recompensado com reconhecimento, louros e diploma institucional. Todos esses recursos visuais e narrativos utilizados no filme expressam a seguinte mensagem: sujeitos sociais como Neïla Salah não são considerados “naturais” em espaços sociais como a Universidade Pantheon-Assas; eles são, afinal, os “não-herdeiros”, aqueles que conseguiram, por uma multiplicidade de fatores que na trama não são esclarecidos – mas que de certo modo podemos inferir –, romper com um destino determinado pela sua condição e posição social dominada.

Nesse sentido, uma das teses que Bourdieu e Passeron destacam no livro *Os Herdeiros* (2014), de que a origem social dos indivíduos influencia diretamente o acesso e as trajetórias que eles desenham no ensino superior, ganha novos contornos quando pensamos as experiências das famílias de imigrantes no cenário francês. A classe social e os capitais que lhe são próprios – do social ao cultural – são, pois, atravessadas nesse caso pela condição de *outsider* que os imigrantes carregam consigo na sociedade francesa. Conforme Nogueira e Nogueira (2015), Bourdieu e Passeron conseguem demonstrar que as desigualdades sociais (de classe e de gênero, por exemplos) acabam sendo decisivas para a “restrição de escolha” que se mostra imperativa para os sujeitos em função da relação entre suas origens sociais e as condições de possibilidades para seus futuros. No caso do ensino superior francês, tal restrição se coloca tanto para a definição dos cursos a seguir e das universidades, quanto da trajetória possível no interior da instituição de ensino.

Neïla Salah retrata, nesse escopo, incontáveis agentes sociais que, mesmo conseguindo adentrar uma instituição universitária prestigiosa, sua origem social mostra-se decisiva para os processos de exclusão e discriminação a que são sujeitos nesse espaço social. A oposição óbvia entre os dois personagens principais do filme, Neïla – mulher, de descendência argelina, jovem, primeira da família a frequentar um curso e uma universidade de prestígio –, e Pierre – homem, branco, francês, mais velho e provavelmente com longa tradição intelectual na família – constitui um paralelo bastante expressivo das desigualdades marcadamente de classe, gênero e geração a que a trama confere ênfase.

O desfecho do filme – com Neïla Salah abandonando a competição de oratória ao descobrir que representara somente um meio para a redenção do preconceito de Pierre e da Universidade Pantheon-Assas; sua defesa em torno do comportamento de Pierre na banca disciplinar que o professor enfrenta ao final da trama e a amizade improvável entre esses personagens; sua redenção com o namorado; e sua atuação, já formada, como advogada de um jovem imigrante que se encontra na cadeia –, com sabores, dissabores e contradições que fazem sentido tanto no cinema quanto na materialidade da vida social, faz-nos refletir sobre a incorporação de novos esquemas praxiológicos a que Neïla esteve submetida em sua formação como advogada.

A própria noção implícita na narrativa da película de que adentrar aquela universidade, naquele curso em específico, chegar à final do concurso de oratória e formar-se advogada são movimentos excepcionais para uma neta de imigrantes argelinos denota, pois, que

[...] variações muito fortes nas chances escolares objetivas exprimem-se de mil maneiras no campo das percepções cotidianas e determinam, segundo os meios sociais, uma imagem dos estudos superiores como futuro “impossível”, “possível” ou “normal” [...] (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 17).

O rompimento operado pela trajetória de Neïla Salah expressa as dificuldades encontradas para grupos sociais dominados no sentido de modificar o destino social que se lhe coloca à frente. Longe de uma explicação simplista colocada no mérito individual da personagem, nossa reflexão nos leva ponderar que as explicações para este caso são necessariamente complexas e multifatoriais e, em alguma medida, podem ser encontradas em muitos casos reais em que sujeitos sociais que vêm de famílias populares com pouca ou nenhuma tradição de escolarização vêm contando, ao longo de sua formação escolar, com esforços e sacrifícios de gerações anteriores para garantir a continuidade dos estudos (BEAUD, 2018).

Em que pesem as críticas cinematográficas ou mesmo sociológicas ao filme *Le Brio*, destacamos que ele pode ser tomado como uma rica fonte de reflexões em torno dos novos debates sobre a herança educacional e cultural na França. O sucesso e o insucesso escolar ganham notoriedade por meio da narrativa da película, bem como suas correlações com questões sociais, econômicas e culturais. Pensar, então, os casos improváveis de sucesso (LAHIRE, 2008) e seus sustentáculos, em um contexto de formação da terceira geração de imigrantes no contexto francês, parece-nos uma razão suficiente para conferir e debater o filme em questão.

Considerações finais

Le Brio apresenta, em um primeiro olhar, uma narrativa que já se incorporou ao cinema francês contemporâneo: as desventuras de uma personagem descendente de imigrantes na capital francesa. Sua especificidade e potencial para o debate sociológico se coloca na questão das relações entre dois universos sociais distintos e

apartados material e simbolicamente: o subúrbio, marcado pela presença de famílias de imigrantes, e o campo universitário parisiense que, por sua vez, é historicamente o destino dos filhos e netos da elite francesa.

Neïla Salah, uma jovem de descendência argelina, protagoniza juntamente com Pierre Mazzard, um professor preconceituoso à beira da aposentadoria e que sintetiza a tradição do homem branco de família abastada no ambiente universitário, uma narrativa que busca trazer à tona as tensões acarretadas pela presença de uma jovem como ela em um curso de Direito no interior de uma universidade prestigiosa de Paris, por meio de uma comédia dramática (gênero francês). A amizade que nasce do convívio entre esses dois personagens, bem como os confrontos entre o *habitus* de origem social de Neïla e o repertório de novas disposições que ela vai incorporando ao longo da trama, foram dando forma à análise que empreendemos.

Nosso objetivo central consistiu em refletir sobre as correlações entre o pensamento de Pierre Bourdieu e o cenário contemporâneo ligado ao acesso de filhos e netos de imigrantes no ensino superior na França. O escopo, a narrativa e os recursos cinematográficos utilizados ao longo da história em *Le Brio* nos permitiram um interrogar das questões mais sutis, representadas pelos modos de ser e estar no mundo – vestuário, alimentação, habitação, *background* familiar e escolar –, até às questões mais explícitas das desigualdades sociais e educacionais.

No âmbito do pensamento bourdieusiano, a análise do filme evidenciou uma possível ponte entre as teses construídas juntamente com Jean-Claude Passeron em torno, especialmente, da reprodução das desigualdades sociais por meio das distinções que se colocam no universo escolar, bem como da noção de uma herança social no âmbito do ensino superior francês, que em grande medida incide sobre o acesso e sobre as trajetórias distintas em função de determinantes sociais. Nesse sentido, as experiências sociais e educacionais das famílias de imigrantes, sobretudo a terceira geração representada no filme por Neïla Salah, trazem, afinal, novos desafios para pensarmos os mecanismos de exclusão que são experienciados por esses sujeitos.

Ficha técnica: O orgulho (*Le Brio*). França, 2017, 95min. Dirigido por Yvan Attal.

Bibliografia

BEAUD, Stéphane. *La France des Belhoumi: Portraits de famille (1977-2017)*. Paris: La Découverte, 2018.

BLANCHARD, Emmanuel. *Histoire de l'immigration algérienne en France*. Paris: La Découverte, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Senso Prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

DURU-BELLAT, Marie. Amplitude e aspectos peculiares das desigualdades sociais na escola francesa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 13-30, jan./abr.2005.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, Editora Ática, 2008.

MÉZIÉ, Nadège. De imigrantes pobres à classe média: trajetória de uma família franco-argelina que contradiz as estatísticas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 21, n. 50, jan./abr. 2019, p. 312-325.

NOGUEIRA, Claudio; NOGUEIRA, Maria Alice. Os Herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 130, p. 47-62, jan./mar. 2015.

Recebido em: 31 maio 2020.
Aceito em: 16 de agosto de 2021